

A TRAJETÓRIA DO PROGRAMA VOCACIONAL: UMA INICIATIVA SINGULAR DE ARTE-EDUCAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO

Prof. Durval Mantovaninni¹; Prof. Dr. Giuliano Tosin²

RESUMO

Este artigo aborda possibilidades artístico-pedagógicas a partir do estudo do Programa Vocacional, um projeto desenvolvido na cidade de São Paulo. A partir da análise de material bibliográfico e da realização de entrevistas, foi elaborada uma descrição da trajetória do Programa, seguida de uma apresentação de sua proposta pedagógica. O papel dos agentes que nele atuaram, ou seja, seus idealizadores, gestores, orientadores e vocacionados, também é abordado, em diferentes períodos, confrontando as perspectivas oferecidas pela bibliografia com os olhares dos próprios agentes. O objetivo é colocar em cena questões essenciais ao contexto do Programa, como as variadas premissas que o subsidiam, os esforços para sua continuidade, o uso de aparato legal para sua legitimação e as práticas exercidas nos coletivos vocacionados.

PALAVRAS-CHAVE

Arte-Educação; Pedagogia Artística; Políticas Públicas.

ABSTRACT

This article approaches artistic-pedagogical possibilities based on the study of the Programa Vocacional, a project developed in the city of São Paulo. Based on the analysis of bibliographical material and interviews, a description of the Program's trajectory was elaborated, followed by a presentation of its pedagogical proposal. The program agents are its idealizers, managers, advisors and students. Such roles are also approached, in different periods, confronting the perspectives offered by the bibliography with the perspectives of the agents themselves. The objective of such program is to highlight issues that are essential to the context of the Program, such as the varied assumptions that support it, efforts for its continuity, the use of legal apparatus for its legitimation, and the practices applied in vocational collectives.

KEY WORDS

Educational Art; Artistic Pedagogy; Public Policies.

Introdução: o percurso

O Programa Vocacional é uma iniciativa conjunta das secretarias de cultura e de educação da Prefeitura de São Paulo, que teve início em 2001. Nesse projeto, artistas orientadores, coordenadores e artistas vocacionados envolvem-se num processo de trabalho em diversos espaços públicos (bibliotecas, centros culturais, escolas, teatros distritais, centros educacionais unificados – CEUs – e outros) da capital

1 Licenciado em Artes Visuais pela FAAT Faculdades, formado em Direção Teatral pela SP Escola de Teatro, professor de Artes e Teatro na ETEC Prof. Carmine Biagio Tundisi, em Atibaia, e pesquisador de iniciação científica do CEPE-FAAT durante o biênio 2014/2015.

2 Doutor em Arte e Mediação pela UNICAMP. Professor de Comunicação Social e Artes Visuais na Universidade Nove de Julho e na FAAT Faculdades. Orientador de iniciação científica do CEPE-FAAT.

paulista. No início, o Programa se chamava Projeto Teatro Vocacional e começou desenvolvendo atividades exclusivamente na área teatral, alastrando-se depois para outras linguagens, como dança, música, literatura, artes visuais e integradas. Exerce como metodologia a instauração de processos criativos em que o artista vocacionado não necessita da aquisição prévia de conhecimentos, técnicas ou habilidades. Promove experiências artísticas baseadas na pesquisa cotidiana, apoiadas na formulação constante de questionamentos acerca da realidade, que é transformada em ficção, fazendo com que os artistas vocacionados fiquem diante de lacunas e vazios instaurados pelos próprios processos de criação coletiva. Durante esse caminho, o artista orientador conduz e apoia o vocacionado no conhecimento necessário para expressar-se artisticamente.

O Vocacional surgiu tendo como meta reduzir as fronteiras entre as práticas teatrais profissionais e não profissionais na cidade de São Paulo e, para isso, se propôs a auxiliar antigos coletivos teatrais já existentes e criar outros. Destina-se a envolver a diversidade de práticas teatrais pouco visíveis na metrópole, buscando, assim, novas formas de uso do espaço urbano, construindo uma ocupação democrática do território. Fez par com o Projeto Formação de Público, cuja finalidade era preparar a formação de professores e jovens para a leitura daquilo que ocorre em cena, numa montagem teatral. Num primeiro momento, a denominação Vocacional foi muito questionada e gerou vários equívocos sobre o seu significado. A noção de que “vocacional” fosse algo voltado só aos talentosos, aos que possuem algum dom ou vocação, teve que ser contornada desde o início. Celso Frateschi, então diretor do Departamento de Teatro da Secretaria Municipal da Cultura, e um dos idealizadores do Programa, escolheu o nome “vocacional” para oferecer uma opção ao termo “teatro amador”, que no Brasil carrega uma forte carga pejorativa. Vocacional também é a denominação dada ao teatro não profissional na América Latina (FABIANO, 2010, p. 28). O Vocacional rejeita a denominação “amador”, e seus moldes de trabalho são resultantes de questionamentos oriundos do teatro profissional, como sua hierarquia consagrada e a divisão estrita de funções. Em entrevista concedida à presente pesquisa em 2015, Frateschi relatou o propósito da iniciativa, na época das origens do Programa:

O Vocacional surgiu aqui em São Paulo, mas, de alguma maneira, eu já desenvolvia ele de outras formas. Surge oficialmente no governo da Marta, mas ele é, de alguma forma, um acúmulo da minha atividade teatral de longos anos. A gente sempre trabalhou com grupos, desde nossa formação no Teatro de Arena, com o Augusto Boal. A ideia do teatro jornal era uma ideia de formação de grupos vocacionais, de grupos não profissionais, vamos chamar assim, onde o teatro servisse como uma forma de expressão, não teria necessariamente uma necessidade comercial. Nada contra a necessidade comercial, mas a gente acha que seria, e eu acho até hoje, que o teatro mais profissional depende da qualidade de um teatro não profissional. A inexistência desse teatro não profissional é péssima para o teatro, porque eu acho que a maior formação de público se dá na experiência com o teatro.

Seguindo as diretrizes traçadas pelo então secretário municipal de cultura de São Paulo, Marco Aurélio Garcia, os alicerces do Vocacional foram baseados em três eixos, a saber: a) a sociabilização dos bens culturais; b) a veiculação e a difusão de uma produção oculta na/da cidade; c) a elaboração de um pensamento estético e crítico que refletisse as questões mais relevantes do século XX. Segundo Tendlau (2010, p. 25), o interesse pela “produção oculta” relaciona-se diretamente com a busca da “identidade

cultural” dos grupos minoritários, que diz respeito ao exercício de seus “direitos culturais”, noção que está vinculada a valores apontados inicialmente na Declaração dos Direitos Humanos, de 1948, e que voltaram a ser reivindicados no Pacto Internacional pelos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, de 1966.

Para Fabiano (2010, p. 39), o Vocacional interferiu esteticamente nos “vazios da cidade”, espaços com dificuldades de diálogo, onde a exacerbação do consumo substituiu a busca pelo exercício da cidadania. O Programa concilia a prática e a fruição artística como um par indissolúvel, visto que boa parte dos profissionais envolvidos são também artistas-pesquisadores inseridos em importantes núcleos teatrais da cidade. Criou, dessa forma, um espaço onde as fronteiras foram destrocadas e, dali, surgiu algo novo, nem amador, nem profissional. Em seu artigo “Trajetórias e Projeções”, Pupo define a atuação desses artistas-orientadores, peças fundamentais nos processos pedagógicos do Vocacional:

Espera-se desse profissional que saiba escutar os participantes de modo a conduzi-los à descoberta daquilo que lhes interessa tratar, que tenha conhecimentos depurados sobre processos de criação teatral, que seja capaz de articular diferentes instâncias para tornar efetiva a ação proposta, e assim por diante. O fato de se possuir uma trajetória profissional que permita atestar um profundo conhecimento de teatro – ou de alguma das funções nele implicadas, como direção, interpretação, cenografia, dramaturgia, etc. – não é em si mesmo suficiente para levar adiante tal empreitada. Problematizar a aprendizagem de teatro e propiciar a sua apropriação constituem a missão do chamado artista-orientador, segundo a denominação já instituída pelos responsáveis do projeto. Organizar modalidades de trabalho em torno da cena, que possam levar pessoas esparsas a se constituírem enquanto grupos criadores de bens simbólicos, capazes de formular um pensamento de caráter estético marcado por uma dimensão crítica, vem sendo o primordial desafio ao qual a equipe do projeto – nem sempre sem dificuldades – vem tentando responder. (pp. 40-41)

O Vocacional sobreviveu a sucessivas trocas de governo desde o ingresso do prefeito José Serra, em 2005, e hoje ocupa um papel fundamental no campo da Pedagogia do Teatro e da Ação Cultural na metrópole paulistana. Em 2008, foi criado pela Secretaria Municipal da Cultura (SMC) o Núcleo Vocacional, vinculado ao Departamento de Expansão Cultural. Nessa época, o projeto atendia demandas na área de teatro, música e dança e abrangia mais de cem equipamentos da SMC e da Secretaria de Educação, espalhados pelas regiões central e periférica da cidade, atendendo milhares de pessoas. Era aberto a todos os cidadãos com mais de quatorze anos de idade, interessados no desenvolvimento da prática artística. Segundo o plano de ação do projeto (ARAÚJO, 2008, p. 19), suas finalidades passaram a ser firmadas em: a) ter equipamentos com abrangência municipal; b) abrir vagas suficientes para atender o público interessado; c) ser universal, atendendo todas as classes sociais, por se tratar de um projeto público; d) possuir uma equipe de artistas-orientadores capacitada tecnicamente para ensinar e estimular constantemente os artistas vocacionados a continuarem se empenhando nas atividades; e) ter uma metodologia de ensino compartilhada entre os artistas-orientadores, sem um programa pré-estabelecido de conteúdo e saberes técnicos, mas com um tema norteador; f) permitir que a diversidade de experiências dos artistas-orientadores servisse como referência à diversidade dos artistas vocacionados, implicando a formação de artistas com características variadas; g) formar uma base para orientação a grupos constituídos ou em processo de formação; h) implementar ações paralelas complementares à formação do artista vocacionado, de tal forma que incentivem sua interação com o universo da arte e estimulem sua atuação em suas comunidades.

A Proposta

Segundo a proposta do Programa Vocacional³, o processo criativo visado por essa iniciativa é baseado em uma investigação do processo criativo como prática coletiva emancipatória. Este emancipar envolve toda e qualquer ação do Vocacional, e este conceito é explicado a partir de uma distinção elaborada por Paulo Freire, em que o ser humano, como ser ético e consciente de sua infinita inconclusão, não é vítima de um destino contra o qual não pode lutar, mas é um ser que, coletivamente, constrói uma História e é por ela construído. O ser humano seria, por natureza, livre, mas poderia não ter esta liberdade respeitada, mantendo-o aprisionado por condições sociais e culturais extremas e impostas. O Programa Vocacional tem como objetivo artístico-pedagógico a prática cotidiana da emancipação dentro de cada equipamento público e dentro de cada sala de trabalho. Assim, a emancipação não seria um devaneio, mas uma prática constante de libertação e reflexão, de ação e apreciação sobre o fazer artístico num processo de investigação sem fim e que esteja sempre por descobrir.

O Programa envolve os processos de subjetivação dos participantes em seus coletivos e, para isso, utiliza conceitos do filósofo Felix Guattari, segundo o qual existe um processo de dessubjetivação individual e social, e que caberia à arte, à filosofia e à educação a tarefa de produzir novas subjetividades. Essas atividades seriam capazes de dotar o ser humano de uma nova capacidade de ser sujeito de seus próprios atos e processos, considerando subjetividade um conjunto das condições que tornam possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial, capazes de estabelecer relações de alteridade, tornando o outro próximo. Portanto, essa constante investigação de práticas emancipatórias, como objetivo central do Programa, busca instaurar novas formas de convivência coletiva, territórios de aprendizado e de transformação mútuas.

O Vocacional esmiúça os conceitos de emancipação e subjetividade, além de abrir outras janelas que dialogam diretamente com os conceitos já levantados sobre suas práticas. Os princípios do Programa são: 1) o artista-orientador e o coordenador como mestre ignorante; 2) o nomadismo no espaço público; 3) a ação cultural; 4) as relações entre forma e conteúdo; 5) a memória do processo; 6) apreciação/contemplação. Todos são considerados conceitos e não regras, eles não constituem um manual, mas pressupostos pedagógicos, pontos de partida que definem sua ação artístico/pedagógica, enraizando sementes, mas em constante abertura e movimento no diálogo com processos criativos instaurados pelas turmas e grupos vocacionados.⁴

A ideia do artista orientador e do coordenador como mestres ignorantes vem do livro *O Mestre Ignorante*, de Jacques Rancière, que faz uma distinção entre duas atitudes, a do mestre socrático e a do mestre ignorante. Para mostrar as diferenças, o autor formula perguntas para ambos e chega à seguinte conclusão: o socrático representa uma forma de embrutecimento, porque busca respostas realizando

3 Proposta artístico/pedagógica: material norteador.

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/MATERIAL%20NORTEADOR_1311018529.pdf (acesso em 02/11/2015)

4 *Idem*

perguntas feitas à maneira dos sábios, portanto não teria força entre os homens, pois, quem quer emancipar o homem precisa interrogá-lo à sua maneira e, para isso, se faz através de um mestre ignorante, que não sabe mais que o aluno, ou que jamais tenha feito a viagem antes dele. Por outro lado, fazer uma pergunta sobre aquilo que não se sabe traz uma curiosidade pelo aqui e agora, estabelecendo formas de diálogo entre forma e vida. Por isso, o mestre ignorante é um pesquisador/perguntador que não sabe nada sobre o aqui e agora, colocando-se pronto à experiência da autoria de suas próprias inquietações, sendo também um provocador de inquietações.

As discussões contemporâneas sobre nomadismo partem do ensaio Tratado de Nomadologia, escrito pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. A partir desse ensaio, o Programa lança os olhos para a apreciação e o exercício. O texto estabelece algumas diferenças entre dois jogos de tabuleiros: xadrez e go. No primeiro existem regras rígidas, as peças têm possibilidades de movimentos e suas ações inerentes em ocupar o maior número de casas com o menor número de peças, o espaço é fechado e forma uma estrutura de Estado, numa guerra codificada. No go, as peças são discos com simples ordenações aritméticas em relação à posição que ocupam, com valores iguais, e as ações são realizadas por outras pessoas que as movem, o espaço é aberto e valores externos são incorporados ao jogo numa guerra sem limites de batalha. Para os filósofos, o espaço do xadrez é a *polis* (como estrutura bem definida), e do go é o *nomos* (espaço impreciso). Essa dicotomia entre definições e não definições espaciais acarretará a ideia de uso desses espaços, e Deleuze e Guattari propõem que o nômade (numa ideia de nômade moderno, das cidades grandes, que vivem de baixo das pontes, viadutos e esgotos) é, por excelência, o desterritorializado, por não se definir pelo espaço em que se move. Pensando no uso dos equipamentos públicos da cidade, essa ideia vai ao encontro da ideologia do Programa. Ainda dentro da ideia de espaço/ocupação, o Programa Vocacional lança olhares ao Movimento Situacionista, que chamava essa forma nômade de habitar de “*deriva*”, em um movimento urbanístico de mudança de atitude passiva para ativa frente ao espaço público.

Para compreender e praticar a ação cultural proposta pelo Programa é preciso observar a obra de Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, onde o estudioso analisa o processo de colonização do nosso país, em que os percalços e entraves em sua formação gerariam a figura do *homem cordial*. O homem cordial se alimenta de uma estrutura de dominação baseada nas relações pessoais e no privilégio em troca de favores através do jeitinho brasileiro. O Programa provoca seus participantes a agirem como nômades nos espaços públicos que, muitas vezes, se comportam de maneira cordial. Seria a criação simbólica de um grupo, a prática, reflexão e apropriação dos espaços, meios e modos de produção.

Para o Programa Vocacional⁵ as relações entre forma e conteúdo residem no campo simbólico. Na tensão entre as perturbações do meio externo e a coerência interna de um conjunto de escolhas artísticas, observam-se vários modos de compensação dessa relação. O Programa cataloga, desde seu início, todo o legado que surgiu em seu seio e, para compreender a importância de cada trabalho, faz analogia com uma constelação, onde encontramos estrelas antigas, brilhantes, pequenas, anãs, azuis ou frias, onde todas têm

5 *Idem*

suas riquezas de suportes e possibilidades de ligações e leituras a partir de experiências vividas e compartilhadas em seus processos artísticos e pedagógicos. Essa prática se dá através do protocolo entre artistas orientadores e artistas vocacionados, em que se inicia uma investigação sobre a memória dos processos, as possibilidades de reflexão sobre e recriação dos mesmos a partir da criação, manipulação e apreciação de seus registros.

Registrar a memória de um processo significa entrar em contato com a natureza do tempo, numa construção e reconstrução constantes de sentidos para a experiência coletivamente empreendida. O registro dessa memória deverá ser realizado de maneiras e formas diversas, isso implica em encontrar possibilidades narrativas que tornem o processo criativo coletivamente consciente, por meio de confronto e apreciação ativa de materializações possíveis, que refletem instantes de experiência ao longo do processo. Apreciação/Contemplação é um exercício ativo de imaginação do homem desde sempre, as constelações fascinavam o homem e ele as reproduzia em vasos e desenhos estimulados pela imaginação, além de terem o intuito de fixá-las perto de si. O espectador da apreciação/contemplação não é qualquer espectador, ele deve viver a atividade da forma.

Só porque vemos ou ouvimos algo, não quer dizer que já percebemos sua forma artística; é preciso fazer do que é visto, ouvido e pronunciado a expressão de nossa relação ativa com a obra, é preciso ingressar como criador no que se vê, ouve e pronuncia e, desta forma, superar o caráter de coisa da forma: ela deixa de existir no nosso exterior como um material percebido e organizado de modo cognitivo, transformando-se na expressão de uma atividade criadora que penetra na obra e a transforma. Para que o espectador em processo viva a apreciação/contemplação é preciso que apreenda e experimente o objeto estético sinteticamente, no seu todo, compreendendo a forma e o conteúdo em suas inter-relações.

Para que as ações se tornem cada vez mais conscientes dentro desta flexibilização, o Programa coloca como peça fundamental o planejamento, as equipes devem pensar num plano de trabalho a ser desenvolvido. O planejamento é uma ferramenta que ajuda a perceber a realidade, avaliar os caminhos, construir um referencial futuro e reavaliar todo o processo a que se destina. O Programa utiliza uma frase norteadora do poeta espanhol Antonio Machado, para exemplificar seu plano e sua prática: “*Caminante no hay camino, se hace camino al andar*”.⁶

Quem constrói

Neste item, serão apresentados fragmentos de entrevistas realizadas durante a presente pesquisa, no ano de 2015. O objetivo é compor um mosaico polifônico com vozes de pessoas que atuaram ou atuam no Programa Vocacional como idealizadores, gestores, orientadores e vocacionados. Com isso, espera-se produzir uma perspectiva que nos permita enxergar o Vocacional pelo somatório de visões de quem participou hoje e no passado, em diferentes papéis, do desenvolvimento do Programa. A começar por Celso

6 *Idem*

Frateschi, um dos criadores do Vocacional, cuja atuação teve importância fundamental nos primeiros momentos. Embora não esteja mais vinculado, ele diz que as pessoas que fazem o Programa atualmente ainda são mantenedoras da ideia inicial, e o fator humano, com suas transformações e sua diversidade, constitui-se o elemento principal para a permanência do Vocacional:

Eu não acho que essas pessoas estão abandonando o conceito do Vocacional, pelo contrário, eu acho que eles permanecem até porque foram, digo, são resistentes desse conceito original. Enquanto não destruírem o Programa, do ponto de vista formal, eles vão estar desenvolvendo o projeto eu acho, eu espero pelo menos. As instituições não são monolíticas, os governos não são monolíticos, nem a igreja católica é monolítica, nenhuma seita é monolítica, sempre você tem o ser humano como fator que dá a diferenciação e, no caso do Vocacional, eu percebo que muitas pessoas ainda resistem desde o primeiro, que ainda estão lá, desenvolvendo seus grupos, isso porque tem essa coisa do indivíduo que desenvolve o seu projeto e isso é muito importante. O Vocacional pressupunha isso, essa individualidade, a gente não queria nada monolítico, a gente não queria nada padronizado, a gente queria exatamente que se estimulasse a diversidade.

Também pioneira na idealização e concepção do Vocacional, Maria Tendlau observa que o Programa hoje tem uma tendência a reproduzir acriticamente os conceitos lançados como base, em seu momento inicial:

Eu acho que houve uma apropriação de certas coisas que a gente formulou e colocava como eixos de condução e que ficaram sendo reproduzidas acriticamente, como se fossem leis. Por exemplo, o compartilhamento do discurso poético. Era uma forma de descrever como eu consigo fazer teatro junto com outras pessoas de forma que essas pessoas entendam o mecanismo de construção do discurso feito e que consigam comunicar esse discurso, compartilhar isso. Isso poderia ser feito de várias formas, me parece que é um princípio da pedagogia do teatro, independente de ser do Vocacional. O mais interessante talvez seja pensar o que isso pode representar do ponto de vista da ação cultural. Quando se falava em compartilhar o discurso poético, o que se esperava que a ação cultural pudesse dar, despertando e exercitando nas pessoas, tanto nos orientadores quanto nos vocacionados, era a possibilidade de utilização do discurso poético como formulação de pensamento. No exercício de formulação do discurso poético eu estou exercitando a minha capacidade de olhar crítico sobre o mundo, a capacidade de construção de novas possibilidades. Isso é importante, este princípio, e não exatamente vê-lo como uma ideia fechada. Mas, de repente, a ação passou a ficar mais forte do que o princípio.

Em sua entrevista, Tendlau apontou também um problema de institucionalização do Programa. Ela percebe nos vocacionados “uma expectativa em relação à Secretaria de Cultura da prestação daquele serviço, e de que essa prestação de serviço sirva àquela pessoa como o reconhecimento do grupo dela”. Segundo ela, o Programa deveria ser construído “a partir do ponto de vista de um artista que batalha pela sua existência e, não necessariamente, fica sob a tutela de uma ação pública, esperando que essa ação lhe dê todos os recursos para que aquilo aconteça”. Tendlau lembra que o Vocacional foi criado nos moldes de algo que era muito forte na época de seu surgimento, o teatro de grupo, e que só fazia sentido, inicialmente, nesse contexto:

Então, ele fazia sentido a partir do teatro de grupo. Se a gente pensar que isso faz dez anos e que o teatro de grupo hoje se modificou muito em seu formato, sua pungência, enfim, talvez essa forma “teatro de grupo” não seja a que mais corresponda às necessidades políticas, sociais, críticas e poéticas neste momento, já não tem mais essa força a ser reproduzida a partir do teatro de grupo. Se você pensar que o Vocacional passou a atender outras linguagens, isso não faz sentido. Existe dança de grupo? Existem coletivos de dança, lógico, mas esse conceito e essa formulação política e poética “dança de grupo”, existe? O Vocacional para a música eu fico pensando que deveria se chamar Vocacional Banda, então. Teriam que repensar, para cada linguagem, o que seria mais forte no sentido de retomar os princípios do Vocacional.

Para o crítico e diretor de teatro Kil Abreu, que atuou no Vocacional, a continuidade e a permanência do Programa, através das diferentes gestões que assumiram o governo da cidade de São Paulo, é singular. Segundo ele, “foi o projeto que sobreviveu mais espontaneamente”, entre todos os que existiram na capital paulista nos últimos tempos, mesmo com “todas as intempéries políticas de mudança de gestão”. Na opinião de Kil, existe no Brasil uma cultura de gestões que se renovam sem querer renovar os projetos da gestão anterior. Isso torna o trabalho das iniciativas na cultura muito difícil, e o Vocacional “foi o projeto que deu sinal de muita vitalidade, porque sobreviveu às mudanças de gestão, não por causa das pessoas que estavam à frente das gestões, o Serra e depois o Kassab, mas por conta da pressão da comunidade”.

Kil recorda como foi exercida essa pressão:

Eu lembro que, quando o Serra assumiu, primeiro ele dizia que não queria a Lei de Fomento, então foi preciso uma mobilização extraordinária para poder mantê-la, inclusive com o apelo da mídia, de pessoas que estão na televisão etc. Sobre o Vocacional, dizem que, aonde o Serra ia, os meninos que eram vocacionados enchiam o saco dele, sempre lembrando “olha, não vai acabar com o Vocacional!”. Então, ele se sentiu pressionado a manter, quer dizer que o Programa realmente tinha uma grande pertinência comunitária, para além da própria gestão, a cidade adotou o Programa para si, então não foi possível acabar com ele, tanto que sobrevive até hoje.

A expectativa de Kil em relação ao Vocacional é de que cada processo, cada grupo de trabalho, seja único. Ele relata que, às vezes, tem coisas que funcionam aqui e não funcionam ali, “funcionar no sentido de efetivamente gerar algum tipo de apropriação daqueles grupos, que é isso que é o importante”. Cada grupo de trabalho e criação deve se apropriar dos próprios meios de uma maneira vertical, “que não sejam aulas de teatro em que um artista orientador vá e um grupo de alunos aprenda um repertório que não passa por eles”. A percepção, continua Kil, “sempre foi a de que teatro e vida estão interligados, e é por isso que não tem regra, na verdade, mas isso não quer dizer que não tenha repertório, os repertórios estão lá”. O diretor descreve esse repertório artístico como o encontro entre “procedimentos criativos e pedagógicos que vêm com o artista orientador, e o repertório de vida, as expectativas e mesmo a experiência artística, por mais incipiente que seja, que vêm com os aprendizes”.

O ator, diretor e professor de teatro Ipojucan Pereira atua no Vocacional desde 2006, e atualmente é um dos coordenadores do Programa. Ele elogia o fato de os artistas orientadores possuírem autonomia para trazer à prática pedagógica o conjunto de autores e repertório de sua própria formação, que podem ser adaptados às circunstâncias que envolvem a realidade de cada grupo de trabalho. Segundo ele, existem autores que, durante muito tempo, foram usados no Programa, mas, nem por isso, o caracterizam como “uma coisa muito direcionada e curricular”. Os autores de teatro e pedagogia que surgem durante o trabalho não são mais predeterminados, como eram no início do Programa, eles agora “surgem a partir da relação dos orientadores com os vocacionados, a partir das necessidades dos vocacionados detectadas pelos orientadores”. Sendo assim, “cada orientador usa uma bibliografia diferente, porque é de acordo com a pesquisa que surgiu nos seus encontros, mais a sua bagagem pessoal”.

Sobre a permanência e o futuro do Programa, o problema, de acordo com Ipojucan, é que o Vocacional é um projeto de governo, e não uma política de governo, “ou seja, ele acontece a cada ano porque

alguém autoriza, mas, se não autorizar, ele não acontece, não existe uma lei que o proteja”. Sendo assim, todo o ano ocorre uma insegurança se vai ter ou não Vocacional. O coordenador desabafa: “sempre tivemos o desejo de que ele iniciasse junto com o calendário escolar, mas ele nunca inicia, sempre depende de verba, de recolhimento, de impostos, dos cofres públicos, e aí o que está na frente vai sendo atendido e, em algum momento, entra o dinheiro para que ele comece”. Trata-se de um programa caro para a Secretaria da Cultura que, ainda segundo Ipojucan, tem pouca verba. Desse modo, depende de outras verbas, como a da Secretaria da Educação, para “juntar o montante todo, e daí ele começar”.

Apesar das adversidades, Ipojucan vê no presente um quadro favorável, e isso se deve à retomada da possibilidade de haver uma coordenação geral do Vocacional, depois de seis ou sete anos sem esse órgão, o que “dificultou muito, várias coisas ficaram complicadas e o Programa ficou muito ameaçado de se desestabilizar, por conta de não ter um coordenador”. Enfim, “depois de muitas lutas políticas, nós conseguimos este ano uma abertura para que uma pessoa assumisse provisoriamente essa função, e estamos muito otimistas de que isso possa dar maior solidez ao Programa”, conclui Ipojucan.

Dana Lisboa tem 34 anos e é uma ex-vocacionada que se tornou orientadora. Ela comenta a importância do papel desempenhado pelo Programa:

O Vocacional é importante para a formação cultural do jovem de hoje em dia porque agrega culturas de professores diferentes, o que traz aos alunos experiências novas e acaba transformando o cotidiano das pessoas numa possibilidade melhor. Vivenciar isso também é muito bom. Fiz o Vocacional de dança no Centro Cultural da Juventude (CCJ) em 2007 e, através disso, consegui estudar melhor a dança, criei um interesse a mais por ela, acabei me envolvendo e hoje sou professora de dança do Vocacional. O destino acabou me colocando como orientadora e professora de dança.

O mesmo destino pretende ter Sabrina Oliveira, de 23 anos, que começou a participar das atividades de dança do Vocacional há três meses, na Galeria Olido. Ela declara ter aprendido muito não só de dança, mas também a relacionar-se melhor com as outras pessoas: “eu gosto muito de dança e tudo foi muito válido, na questão de aprender movimentos, melhorar o que eu já tinha, a questão da timidez, eu sempre fui muito tímida, muito quieta, mas, na dança, eu sempre consegui melhor, e aqui ajudou a melhorar mais ainda isso”. Sobre o futuro junto ao Vocacional, revela suas ambições: “eu espero estar orientando, estou estudando bastante para isso e espero poder passar para outras pessoas um pouco do que eu aprendi”.

Ivo Alcântara, de 35 anos, começou sua carreira de bailarino em 1992, nas festas de rua da cidade de São Paulo. Ele descreve a relevância do Vocacional no desenvolvimento de sua trajetória artística e pessoal:

Eu fiquei sabendo do Vocacional em 2006. Até então, só dava aula de dança como voluntário. Através do Programa, eu pude ter contato com muitas pessoas que me abriram portas, foi ali onde eu estudei realmente, pude conversar com várias pessoas da dança contemporânea, da dança afro, do balé, e onde eu também coloquei a minha vivência com dança urbana. No Vocacional eu fui o pioneiro da dança urbana, o primeiro da dança de rua a trabalhar no Programa. Faz oito anos que estou nessa caminhada e atualmente eu encerro o ano com um trabalho no CEU Parelheiros. Durante todos esses anos eu já passei pelo Centro de Cultura do Mboi Mirim, pelo Colégio General DeGaulle, pelo CEU Quinta do Sol e pelo CEU Jaçanã. O Vocacional é um programa que coloca a gente em contato com crianças, jovens, adultos, senhores e senhoras, e dá essa possibilidade para que as pessoas, independentemente de técnica, se insiram no meio artístico e tenham contato com toda essa gama de atividades.

Samuel Medeiros tem 21 anos e relata sua experiência junto ao Programa:

Estou no Vocacional desde o começo do ano, na Galeria Olido. Como eu gosto muito de dança, e a pesquisa do Vocacional também está relacionada à dança, foi uma das melhores experiências que tive, porque conheci pessoas novas, professores, eventos novos, e não vejo a hora de começar de novo, no ano que vem. Espero que o Programa continue em 2016, sobretudo aqui no centro, que é um lugar onde o pessoal se encontra. Passa pela minha cabeça que, futuramente, eu quero estudar como os meus orientadores e entender como se faz um projeto para trabalhar dentro do Vocacional, porque é um programa que ajuda bastante quem está precisando, quem gosta e ama a dança.

Anne Sophie Sabino, que tem 17 anos e está há meio ano no Vocacional, chama a atenção para os aspectos práticos que atraem a comunidade: “eu acho muito legal que seja de graça, num lugar acessível, para qualquer idade, quem quiser entrar pode vir, o que é muito fácil, e eu acho isso muito importante”. Rafael Koura é artista vocacionado de música há seis meses e demonstra a sua preocupação com a continuidade do Programa. Segundo ele, seu grupo torce para que a atividade que desenvolvem continue “se for possível, com a nossa mesma orientadora, se não for possível, com um orientador que tenha esse mesmo foco que ela tem, porque ela foi uma excelente profissional”. Ainda segundo ele, o trabalho realizado pelos orientadores “não é só uma orientação, é muito mais do que isso, é uma oportunidade que esse trabalho oferece para diversas pessoas que querem ingressar na área e não sabem como”.

Considerações finais

A presente pesquisa partiu de um ponto de vista comparativo entre o momento de origem do Programa Vocacional e períodos recentes. O resgate histórico acerca da criação do Teatro Vocacional tomou grande corpo, pois é esta gênese que balizou e norteou toda a proposta artístico-pedagógica ainda em vigor na cidade de São Paulo, mesmo que compreendida por alguns como algo cristalizado e estagnado, uma vez que a prática artístico-pedagógica pressupõe movimento e mudança.

Independente da alternância dos governos, da instabilidade na manutenção do Programa, da possibilidade do engessamento das propostas e do envolvimento de outras linguagens dentro de características e conceitos mais relacionados à linguagem teatral, é fundamental compreender o quanto o Programa Vocacional motiva e transforma a vida de jovens a adultos que o frequentam. Esse “encontrar-se” nos coletivos teatrais, nos grupos de dança e nos de música, para exercer uma manifestação artística é transformador.

Ficou nítida a necessidade de compreensão, por parte dos governos, acerca da importância das linguagens artísticas para a educação e de que os equipamentos públicos são espaços para este uso. Os cidadãos precisam ocupar estes espaços com arte, pensar arte, criar arte e discutir arte.

Emancipar os indivíduos é possibilitar uma aprendizagem sem igual, com consequências benéficas para todos, tanto para o vocacionado quanto para o seu espaço. Paira permanentemente entre os agentes analisados uma expectativa de que o Programa possa continuar, mas que não perca o frescor de sua origem, nem mesmo as propostas de investigação reflexiva; de que haja um envolvimento de outras linguagens, mas

que elas possam dar conta de suas respectivas vozes, para que assim criem seus caminhos artístico-pedagógicos emancipatórios, com particularidades pertinentes às suas práticas, para enriquecer ainda mais a proposta que atravessou anos.

Bibliografia

ARAÚJO, Expedito. (org.) *Núcleo Vocacional: criação e trajetória*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura – SMC/SP, 2008.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2010.

FABIANO, Claudia Alves. *Uso do território, descentralização e criação de redes no teatro vocacional: aspectos da práxis teatral do artista-orientador*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA/USP, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TENDLAU, Maria. *Teatro vocacional e a apropriação da atitude épica/dialética*. São Paulo: Hucitec, 2010.